

ACADEMIA RIBEIRÃOOPRETANA DE LETRAS (ARL)
ACADÊMICA MARIA CONCEIÇÃO ALVES DE LIMA
CADEIRA Nº 32 – PATRONA CECÍLIA MEIRELES
DISCURSO DE POSSE PRESENCIAL EM 04/11/2022

Ilustríssimo Senhor Waldomiro Waldevino Peixoto, Presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras, na pessoa do qual saúdo todos os membros da entidade;

Excelentíssimo Sr. Rafael Henrique da Silva Freire, Prefeito Municipal de Alpinópolis (MG), na pessoa do qual saúdo as demais autoridades presentes;

Amada família; Amigos e convidados:

Lembro-me nitidamente! Lá estava eu, enfileirada ao pé daquela escadaria que me parecia infinita. Sexta-feira, meados da tarde, sol a postos, bastante calor, hora do recreio! Primeiro ano de escola na minha Ventania, praticamente seis anos de idade! Era uma sessão cultural de canto e poesia, eu estava escalada para recitar uns versos que falavam do Menino Jesus, de Nossa Senhora e São José. Quando chamaram meu nome, subi aquele mundaréu de escadas meio que tropeçando e comecei a declamar. Só comecei... Não consegui terminar! A emoção travou-me a garganta, a voz não saía, só um choro rouco! A singela poesia me havia emocionado demais, muito além da razão! Quase que às cegas, descí as tais escadas e fui me esconder num cantinho do pátio da escola.

Foi então que me descobri profundamente tocada pelas palavras! Eis que, inconscientemente, deparei-me pela primeira vez com a minha verdadeira cosmovisão, aquele mergulho na consciência que nos define e orienta a vida! Hoje sei disso! Sou emotivamente apaixonada pela linguagem, todas as linguagens!

Fiz-me professora alfabetizadora e de línguas. Tornei-me cientista e também artista das palavras e dedico meus dias a produzi-las e estudá-las! Apaixonada e emocionada pelas palavras!... E, dessa maneira, o meu gostar, o meu querer e o meu saber sempre foram orientados para a LINGUAGEM, a sua ciência e a sua arte.

Eis porque eu me sinto tão lisonjeada e feliz em ser publicamente admitida hoje neste templo da linguagem que é a Academia Ribeirãopretana de Letras, como, aliás, o são todas as academias literárias, cujo principal objetivo é cultivar as letras, dignificá-las e, principalmente, exercê-las com afinco.

Espero estar à altura dessa honraria e solenemente me comprometo a dar o melhor de mim mesma para que sejamos pessoas cada vez mais comunicativas, mais interativas e mais amorosamente engajadas na ciência e na arte de exercitar a palavra.

Na Cadeira nº 32 desta Academia, eu fui agraciada com as benções de um verdadeiro expoente da palavra, uma mulher de descendência cigana, que dedicou toda a vida à literatura e à educação, sendo admirada e respeitada pela elite da intelectualidade mundial, considerada uma das vozes líricas mais importantes das literaturas de Língua Portuguesa e, com certeza, a maior voz feminina dessas literaturas.

Sua intensa e extensa obra poética foi e continua sendo admirada e consumida, tendo sido, aliás, traduzida para inúmeras e diferentes línguas. Seu nome: Cecília Benevides de Carvalho Meireles, a minha Patrona Cecília

Meireles, uma carioca do Rio Comprido que veio a este mundo e dele se foi num mês de novembro como este.

Nossa cigana soube passear por entre o jornalismo, a crônica, o ensaio; mas foi na poesia e na literatura infantil que ela brilhou intensamente, convicta de que escrever poemas e viver são ações que jamais se separam: viver é ser poeta, ser poeta é viver:

“Eu canto porque o instante existe
E a minha vida está completa
Não sou alegre, nem triste:
Sou poeta!”

Cecília Meireles exerceu com tal maestria o seu dom poético, conferindo à sua arte uma sensibilidade, uma sutileza, uma profundidade e uma musicalidade que tornou sua poesia atemporal e, portanto, eterna. Quem é que nunca se encantou com os seus versos intensos, intimistas e viscerais, cuja temática contempla o isolamento, o silêncio, a solidão, a passagem do tempo, a efemeridade da vida, a busca da identidade, o abandono e a perda?

Quem não se enleva e talvez até se espante com um poema como RETRATO, publicado no livro VIAGEM de 1937?

“RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?”

Quem não se sensibiliza, ainda, com a sua capacidade invejável de poetizar para crianças sem infantilizar a linguagem, numa expressão extremamente simples, mas plena de significação existencial, como o poema OU ISTO OU AQUILO, que ensina crianças e adultos a lidar com o dilema da incompletude da vida, com a necessidade da escolha...

OU ISTO OU AQUILO

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
[...]

Todavia, uma boa parte dos leitores ainda não conhece a obra magna de Cecília Meireles, o ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA, que demandou por parte da autora cerca de 10 anos de pesquisa histórica, de estudo da forma poética medieval denominada de "romanceiro" (um poema histórico, mas de caráter popular), além do 4º estilo poético do Arcadismo, o principal movimento literário contemporâneo aos eventos da Inconfidência Mineira.

Cecília inicia a obra evocando a escravidão africana na exploração do ouro e dos diamantes no século 18; todavia, logo o foco passa a ser os principais personagens da Inconfidência: o líder Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, o poeta Tomás Antônio Gonzaga e sua amada Marília, a que chorou desesperadamente o exílio de Gonzaga, dele nunca se esqueceu, por ele definiu e nunca amou a mais ninguém.

Há também outros personagens instigantes, como Dona Maria I, a rainha louca de Portugal, a escrava alforriada Chica da Silva (a "Chica-que-manda", no dizer de Cecília Meireles), que atingiu posição de destaque na sociedade local da época, como também Bárbara Heliodora, "talvez a mais simpática e mais forte das mulheres, cujo marido também era inconfidente e poeta" (GOLDSTEIN, 1988).

Mais lírica do que propriamente narrativa, a obra assume o lado dos derrotados, fazendo do Tiradentes uma espécie de avatar de Cristo, aquele que, ao sofrer a condição de "bode expiatório", torna-se o redentor do Brasil, o que abriria ao país a senda da liberdade: *Libertas quæ sera tamen*, como nos diz o lema.

Quanto a Cecília Meireles, não foi em vão que Drummond a cognominou de "deusa", uma deusa-cigana que viveu e se posicionou em um período de nossa História onde uma mulher não era bem vista colocando sua opinião, poetando, escrevendo, criticando, palestrando... Por isso é que ela nos encanta a todos, especialmente aos amantes da poesia. Quem dela se orgulha é mesmo a inteira nação brasileira, assim muitos outros povos do mundo. Uma figura tão talentosa, tão digna quanto bela, com certeza, eternamente, será a inspiração de toda uma linhagem de artistas das palavras, herdeiros que somos do dom de tocar as almas através do amor vestido de letras.

Na cadeira nº 32 desta Academia, eu fui precedida por dois outros notáveis seres da palavra, dois literatos extremamente competentes, a quem eu presto agora a minha homenagem póstuma. O primeiro deles foi João Caetano de Menezes, advogado, escritor e jornalista, nascido em Igarapava (SP), no ano de 1919 e falecido em 01 de abril de 2002.

O segundo, ou seja, o meu antecessor imediato na Cadeira, foi "um homem espiritualizado, de inquietudes suaves" (PEIXOTO, Jornal ARL, abril 2021), um ser muito amado e admirado pelos seus pares desta Academia. Só em época relativamente recente é que ouvi falar dele, quando da minha eleição e posse virtual em 2021, motivada pelo confinamento da pandemia do coronavírus. Mais recentemente ainda foi que me aprofundei na leitura de suas obras. Seu nome: Wilson Salgado.

Wilson Salgado nasceu em Sorocaba no dia 14/12/1928, foi casado com Marli Inês Strini Salgado, sendo que, dessa união, nasceu-lhes o filho Wilson Salgado Junior. Formado em Filosofia e Pedagogia, posteriormente tornou-se advogado pela USP, na tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Durante muitos anos, foi professor de Latim e Português. Além de escritor foi também músico, compositor, arranjador e regente de coral, especializado em música sacra.

Foi só na plena maturidade, já aos 72 anos, que começou a publicar a sua obra, composta de quatro livros, o primeiro deles uma autobiografia "poética": O CONTADOR DE OUTRORAS de 2000. Seguiu-se A DANÇA DAS HORAS, contos, em 2001, o romance A MONTANHA DOURADA em 2004, arrematando-se com o magnífico livro de poemas NAS TRILHAS DO TEMPO em 2016.

Ingressou na Academia Ribeirãopretana de Letras em 06/11/2002, tendo sido também membro da Academia Ribeirãopretana de Educação (ARE).

Faleceu em Ribeirão Preto (SP), em 17/01/2021, aos 92 anos de idade recém-completados em dezembro de 2020. De suas quatro obras, duas me impressionaram sobejamente: o livro de estreia, o autobiográfico O CONTADOR DE OUTRORAS e o último, o livro de poemas NAS TRILHAS DO TEMPO. O primeiro deles, seu livro de memórias, impressiona pela busca do tempo perdido, pelo senso de humor e pela fina ironia. Ao acariciar o tempo e se afogar em saudades, Wilson Salgado afirma que "Não deixaria mais a vida correr sozinha. Correria com ela. A seu lado. De mãos dadas".

Nessa autobiografia, ele fala de si e da vida, da infância, dos pequenos prazeres (cinema, esportes) dos amigos, dos conhecidos... Do amor, ela fala por último, especialmente o extremado amor ao filho Wilson Júnior ("meu orgulho") e à esposa Marli, o anjo tutelar que soube entender a sua agonia existencial.

O livro de poemas NAS TRILHAS DO TEMPO foi dedicado à família e nele Wilson Salgado entremeia os ditos seus com os de outros pensadores: Confúcio, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Shakespeare, Pascal, Guimarães Rosa e até Paulo Coelho e o Grupo 6 Do-Ré-Mi. Há, inclusive, um poema dedicado especialmente à sua/nossa Patrona Cecília Meireles.

Quase ao final do livro, ele produz uma série de poemas intitulados, respectivamente, FAMÍLIA, ESPOSA, FILHO, NORA, NETO e arremata a obra com uma mensagem de paz, transcrevendo o poema alusivo de José Martí, que fala sobre cultivar rosas brancas, tanto para amigos, quanto para inimigos.

Enfim, trata-se de um ser humano muito especial, amado por todos que o conheceram e que, que apesar das agruras da vida, enfatizou o entusiasmo, a alegria, o amor, a gratidão...

E por falar em gratidão... eis o resumo do meu sentir nesta noite que se me faz memorável: gratidão!

Gratidão primeiramente a Deus, que me concedeu os bônus e os ônus do viver!

Gratidão à minha família, esse adorável "pé de Lima", que, agregado ao brasão dos Alves, constituiu o meu berço existencial, nem sempre forrado de macias plumas, mas às vezes coberto de farpas e espinhos, porém, sempre o espaço indispensável para o aninhar da alma!

Gratidão à minha terra natal, Alpinópolis, a minha pequenina, amada e jamais esquecida Ventania, que mais parece um presépio encravado nas montanhas das Gerais. Gratidão a esta formidável Ribeirão Preto, que me acolhe e me estimula a vida neste momento!

Gratidão a esta nobilíssima Academia Ribeirãopretana de Letras, que acabou de completar 75 anos de existência e onde hoje desenvolvo a minha

lide literária! É um prazer e um estímulo conviver com essa elite literária que ora a compõe!

Gratidão também à ainda “infante” Academia Feminina SulMineira de Letras, a qual ajudei a fundar e que representa um sonho antigo das mulheres sul-mineiras!

Gratidão à Casa do Poeta e do Escritor de Ribeirão Preto, essa “Casa Amor”, que acolheu os meus primeiros movimentos de escritora em terras ribeirãopretanas!

Gratidão ao meu padrinho de posse, médico Geovah Paulo da Cruz, Vice-Presidente desta Academia, pelas carinhosas palavras de entronização a mim hoje dedicadas!

Gratidão a todos vocês, amados amigos e convidados, que me honram com a presença nesta noite memorável! É realmente uma dádiva poder compartilhar com todos este momento de extrema felicidade e glória!

Gratidão, gratidão, gratidão! Eis o maior e melhor sentimento a abarrotar-me a mente e o espírito neste momento memorável...

OBRIGADA, OBRIGADA, MUITO OBRIGADA!

NAMASTÊ!...

TENHO DITO...

Ribeirão Preto, 04 de novembro de 2022

Maria Conceição Alves de Lima